



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa—PORTUGAL

End. telegr. *Talhaba*—Lisboa • Telefone: 2

Officinas de impressão: Rua da Alameda, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## HIPOCRISIA

A infinita divisão dos partidos políticos em grupelhos minúsculos, correspondendo ao número, também infinito, de ambiciosos que procuram arrumar-se o pro-prio, deu ao nosso parlamento uma constituição especialíssima, a ponto de não se afigurar possível a permanência no poder, por algum tempo, de qualquer facção. Um governo, constituído há pouco, nem tempo teve para quecer as cadeiras ministeriais, pois logo o parlamento o derrubou. Um novo governo está em vias de constituição, e já alguns lhe faturam vida curta. Deste modo, mesmo que existissem sensatos programas de natureza económica a efectivar, nenhum deles seria efectivo, pois cada governo não tem vida suficientemente longa para isso, e sabe-se por outro lado, que cada ministério desmancha tudo quanto fez o anterior, o que não é tam lastimável como parece.

Dissómos:—Mesmo que existissem programas governativos a efectivar... Não existem, como se sabe. Os governos tem mais com que preocupar-se do que com coisas úteis. Isto não é de agora, mas de há muito. E é de pasmar como os jornais políticos e os burgueses, tendo coberto toneladas e toneladas de papel de impresso com elogios pasmosos a quanto tartufo ali aparece a policiar, se atrevem de quando em vez a queixar-se, sincera ou hipocritamente, a respeito do estado de miséria a que chegou o país, da escassez de produtos, da agonia da indústria, da crise da agricultura, da carestia dos viveres, como se tudo isso não fosse a obra dos sucessivos corrilhos aos quais a administração dos negócios públicos tem sido entregue.

Um jornal de ontem queixava-se de que nos falta tudo. Felta, sim senhor. E de quem, a culpa? Desses mesmos politiquinhos a quem o mesmíssimo jornal chamava amanhã ilustres, talentosos e habilíssimos. Falta tudo, sim senhor. E então? Chegamos a tam resolador extremo, averiguando a assustadora conclusão não nos dirá a imprensa burguesa, numa maneira sincera e clara, o que é preciso fazer para evitar a ruína total, se é que ainda estamos a tempo de evitá-la? Naturalmente, a imprensa burguesa opta

por fazer acreditar ao público que uma nova forma governativa, honesta e fecunda em resultados, vai iniciar-se, para transformar Portugal num El-Dorado,—como se, afinal, todos os nossos homens públicos não houvessem sido já experimentados, tendo dado de si a boa conta que se sabe.

O averiguado é que a imprensa burguesa a política faz apenas um jogo hipocrita, para iludir os leitores, quando se lastima em relação à carestia da vida e à pobreza nacional. Se falasse com sinceridade ela teria apoiado, há dois anos, as reclamações da União Operária Nacional, pondo-se ao lado dela contra os governantes, porque só o que ela reclamava poderia ter evitado que o mal se agravasse e chegassemos ao estado a que chegámos. Se falasse com sinceridade, ela saberia vergastar com indignação os causadores da desgraça nacional, em vez de elogiá-los numa atitude de cúmplice. Se falasse com sinceridade, ela diria conosco que só um combate sem tréguas à parasitagem, e uma remodelação profundíssima na estrutura político-económica da sociedade poderia representar uma honesta tentativa de ressurreição nacional.

Se falasse com sinceridade a imprensa burguesa, se as suas queixas a respeito da crise que atravessamos correspondessem verdadeiramente a um desejo de ver melhorada a situação do país, outra seria a sua linguagem. Ela não falaria do assombro dos para duros colunas diante chamar a esses mesmos assombrosos a essas forças vivas da nação. Ela não fingiria lamentar a sorte do povo para momentos depois chamar a esse mesmo povo «orda de malfetores» e outras amabilidades, quando ele ocasionalmente se revolta e procura fazer por suas mãos a justiça que os governantes lhe negam.

Dentro de muito pouco ficará constituído o novo governo. Nós veremos a girandola de encomiásticos adjetivos com que a imprensa burguesa o recebe. E veremos também dentro de pouco a situação do país a piorar, a piorar sempre. Veremos finalmente alguns editoriais a queixar-se da carestia da vida e da falta de planos de fomento... Os hipocritas!

## NOTAS & COMENTÁRIOS

**Ais uma vez a caridade**  
Ser caridoso, segundo as famílias de alta linhagem, que descendem de Maíra ou de Castilhas, não é um sentimento superior e igualitário, é um pretexto para ambicionarem snobs regados de chá. É uma especulação ignóbil com a miséria de cada um. E o século (da noite) a quinidade sargeta onde se despejam os restos enfatu das festas e das alas ricas postizas, falsas, que a custa do suor e da dor dos pobres se gozam.

A caridade, no fim de contas, é o ego de meia dúzia, o fliti impudico, a moda, o baile, o luxo, o sumptuoso paco, o pagode desgrejado a que anteontem se entregaram vários senhores e umas azues e brancos, no parque das ranjeiras. A caridade é a ignominia, a desigualdade, a mentira.

Em França há sindicatos de artistas. Os seus componentes são energéticos. Agora ameaçam não fazer parte nos festejos de 14 de julho, em sinal de protesto contra a criação de novos impostos.

Os artistas portugueses que registem factos.

**Noticias**  
A imprensa burguesa de quando em quando publica o seu artigo venenoso. Ontem o século (da noite) inseriu uma telegrafia dizendo que Kropotkin apontava a

glória do comunismo.

Estamos habituados a estas notícias. Máximo Gorki, também segundo a imprensa capitalista, aplaudia a guerra, o bolchevismo, etc., etc.

Desane o século, que nós acreditamos piamente nas suas notícias.

**A BATALHA em Oeiras**  
Vende-se em casa do sr. Joaquim

## MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Se a imprensa operária e revolucionária sempre viveu com dificuldades, nos nossos dias em que a carestia da vida atingiu as proporções assustadoras, cujas dolorosas consequências todos os que trabalham e vivem na miséria, tam intimamente conhecem, a vida dum jornal, como a Batalha, constitui uma luta titânica, um grande dispêndio de energias morais, e em que o esforço material, monetário, dum dedicado minoria se salienta notavelmente, pois que, infelizmente, a grande massa trabalhadora não encara devidamente a sua miserável situação, deixando correr tudo ao *deus dará*, não compreendendo que com o seu desinteresse, simplesmente concorre para manter a sua escravização.

Mas, se a multidão popular assim procede, é porque é muito ignorante e por isso é mesmo muito inconsciente; portanto, a defesa das ideias generosas e a manutenção dos órgãos imprescindíveis à sua propaganda, tem indubitavelmente de pertencer às minorias revolucionárias, para quem a Batalha constitui uma afirmação clara e positiva do seu grande desejo de ver triunfar o ideal de libertação política e económica, por que vem lutando através de tantos anos.

E' a essas minorias que a Batalha deve a sua existência e há de ser com o seu apoio, estamos certos disso, que ela irá conseguindo abrir brecha na ignorância e na inconsciência do maior numero.

Para que ela possa cumprir a sua missão, tem-nos sido enviados mais os seguintes donativos:

Transporte...	6.580\$11
António Joaquim Inácio...	\$50
Miguel Gordoba...	\$250
Queixa numa fábrica no Barreiro...	\$100
Dinis...	\$50
Mário Pinto Almeida...	\$50
Queixa entre os carpinteiros de scena dos teatros Apolo, Anjos, Eden e S. Luis...	\$587
Carlos Madeira...	\$50
Grupo Sem Título...	\$175
Leonel Coutinho...	\$180
Gregório Alves Abrão...	\$50
Manipuladores de Vidraça Marinha Grande...	\$500
Dionísio S. Silva...	\$50
E. G...	\$100
Manuel Almeida...	\$50
Dois barbeiros...	\$180
Ass. dos Rurais do Escoural (cotisação dos meses de Maio e Junho)...	\$2000
Idem, idem, que...	\$320
Obra da Morgue, que entre os operários do Cons. Técnico da C. Civil...	\$170
Ricardo dos Santos...	\$250
António Fernandes...	\$30
Concerto de uma máquina. Ass. dos Litógrafos (cotisação de auxilio)...	\$100
Dois criados de mesa do Estoril...	\$355
Manuel Quartel...	\$2500
José Francisco...	\$50
Augusto C. Rodrigues...	\$30
Bernardino J. Janeiro...	\$100
Juvêncio...	\$100
Ass. dos Empregados de Fotografia (Cabo Verde)...	\$1500
António V. Alves Mendes...	\$200
Ass. dos Impressores (cotisação de auxilio)...	\$30
Queixa aberta na oficina de carpintaria de José Baptista J. Beja...	\$280
José Baptista Júnior...	\$14530
Anónimo...	\$170
Manuel Trindade...	\$200
Carlos Dias...	\$50
José dos Santos...	\$50
Queixa na oficina de António Joaquim de Oliveira...	\$100
João Bago...	\$335
Queixa entre os corticeiros da Fábrica Seixas...	\$1800
Francisco Inácio Rodrigues...	\$520
Palmeira Conceição Sousa...	\$50
Prémio dado na Fábrica Lisboense dos Tabacos a 8 homens por excesso de produção (1)...	\$20
Jorge Campelo, cedência de serviços...	\$44
Queixa entre um grupo de fabricantes de calçado...	\$2500
A transportar...	\$160
	6.717\$27

(1) Sit oferecidos por um grupo de oito operários da fábrica de tabaco «Lisboense», prémio do esforço da serosa realização por estes operários no officina do pique que por ser tam irrisória e vexatória prescindiram de ta quantia, oferecendo-a no jornal A Batalha.

## Um caso misterioso

Desde 26 de Dezembro que nada se sabe a respeito dum internado em Rilhafoles.

Procurou-nos ontem uma senhora a fim de nos relatar um caso bastante estranho que se está passando no hospital de Rilhafoles.

Este caso vem confirmar o desregrado que aquele estabelecimento tem. Trata-se dum doente, Manuel Lourenço Brício, que desde 26 de dezembro último, não permite que seja visitado.

Afirmar a referida senhora que Manuel Lourenço Brício, foi internado sem motivo justificado, porquanto não padecia de qualquer doença mental.

Quando a tal senhora deseja visitar dá-lhe sempre qualquer desculpa ou diz-lhe para falar ao dr. Sobral Cid. Este, porém, nunca lhe facilitou a visita.

Desde 26 de dezembro, que nada se sabe a respeito do internado. Porque não se sabe. Mas o público tem direito a saber.

## SÔBRE ANATOLE FRANCE

O sr. Aquilino Ribeiro faz uma brilhante conferência na Societê Amicale Franco-Portugaise

Aquilino Ribeiro inicia a sua conferência, traçando a figura de Anatole France, como a surpreendeu em Paris, diante dos caixotes revestidos de zinco dos velhos alfarrabistas dos cais.

De estatura mais que mediana, o dorso abaulado denunciando o homem de gabinete, o seu perfil seria profundamente judaico, se a barba e a fauna, e olhar duma audácia, duma malícia, e duma bondade e lealdade irradiantes, não revelassem nele alguma coisa de acentuadamente helénico e cavalheiresco.

Mais tarde, viu-o na casa dos estudantes, e Aquilino Ribeiro recorda as palavras do grande prosador francês, dirigidas aos estudantes, num tom patético de súplica.

Meus caros camaradas: Não tenham medo de passar por utopistas, de construir nas nuvens, de ambicionar repúblicas imaginárias como as de Platão, Thomaz Morus, Campanella e Fenelon! Utopista é a injúria costumeira que os espíritos estreitos lançam sobre os grandes espíritos, e é uma forma dos políticos verberarem os soberanos do pensamento!

A utopia é o princípio de todo o progresso. Sem os utopistas doutora, os homens viveriam ainda miseráveis e nus, no fundo tenebroso das cavernas! Foram os utopistas que traçaram a linha da primeira cidade! Sonhai, meus caros camaradas! Não sejais excessivamente sensatos. Não sejais prudentes. A prudência é a mais vil das virtudes! Obra!

A força que governa o mundo é o pensamento! Criai-o, conservai-o, transformai-o! Pensar, é o acto essencial.

Falando dos ódios das classes e dos povos para povos, Anatole não vê que futuro está reservado à nossa geração, nem em que sentido se determinará, na Europa, a evolução das forças do pensamento. Todavia, para palpitar o mundo futuro, aconselha aos estudantes a olhar menos os gestos dos reis e dos dirigentes das repúblicas, e a meditar mais nos movimentos obscuros e mais profundamente significativos da grei laboriosa do povo. Não são os príncipes, mas os povos quem cria o futuro. Não cre, e o já o tem dito bastas vezes, que a guerra seja a eterna necessidade humana.

Convido-vos pois, caros camaradas, a preparar a paz ambicionável, entre os povos.

Anatole France, favoreceu uma série de disposições, a começar pela própria infância, que o poderam tornar o escritor maravilhoso dos nossos tempos.

Nascido em Paris, a cidade mais intelectual do mundo, seus olhos de criança familiarizaram-se exuberantemente, na contemplação de deslumbramentos.

Seu pai tinha um comércio de livros raros e preciosos, que atraía ao estabelecimento, os pioneiros mais arrojados da fina essência do intelectualismo e do refinamento estético, e juntamente a

uma apromorada educação, Anatole France pôde colher os mais sólidos elementos, da tolerante inteligência das formas da sua fé; a subtil e paradoxal compreensão dos doutores de Cristo e dos filósofos do paganismo, a graça apromorada dos contistas do século XVIII.

Deu-se demasiadamente ao estudo dos gregos, e o poderoso génio helénico, entrou no seu espírito, como o sol por uma vidraça.

Desta maneira, ele ficou ingénuo sem cansaço, crente sem filosofia, positivo sem ridículo, sorridente e escéptico, mas amando profundamente o trabalho, e os despretigos da felicidade. Os hagiografos que vão de Vagane aos Bolandistas, de Homero a Tibulo, de Rabelais a Fenelon, e por último Renan, eis os moldes em que se vasou a obra de Anatole France. Nessa obra entesce a perfeita amalgama dessas fontes duma perfeição tão poderosa.

Culto, vasto de humanismo, superlucido de pensamento escondendo-se no mistério perpétuo da vida; uma grande piedade, temperada numa doce ironia, eis os caracteres fundamentais da obra do grande prosador, que tão interessantes conceitos se podem tirar da sua filosofia.

Para Anatole France, o universo é dum escoamento sem fim, de fenómenos sem substância. Os céus que os homens—diz ele no Jardim de Epiuro—supunham incorruptíveis, mais não conhecem do eterno que o eterno escoamento das coisas. Nós sabemos apenas, que não há mais repouso nos espaços celestes, de que sobre a terra, e que a lei do trabalho e do esforço, rege a infinidade dos mundos. O universo e a história são o decorrer movido duma consciência. Tudo é verdadeiro já que toda a imagem o é.

Anatole France, mais duma vez se põe na acção do homem e nos princípios da humanidade, motejador idealizável pela boca de Zermé Caigaigne, quando a vida a chama para a acção, na defesa de justos princípios, eis toma um lugar predominate na fila dos entusiastas e dos combatentes, como por exemplo na agitada questão do caso Dreyfus.

Uma das características da sua obra, é chocar a moralidade comum, desentortas as cr-mças comuns; condenar as práticas comuns, sobre as matérias da verdade, da bondade e da justiça; em resumo verberar, justigando, a ordem natural das coisas.

Anatole France é um espírito módo perfeitamente duma pujança e desassombro verdadeiramente juvenil.

Agora mesmo, um velho de 76 anos, tem ainda a coragem de pensar livremente, de falar resolutamente, apontando-nos a todos por cima de preconceitos e ideias estratificadas os horisontes novos, tomando uma parte activa nesse grupo remodelador e humanitário, que se chama—Clarét!

## Os acontecimentos de Setúbal

6.000 pessoas vão em cortejo ao cemitério—O alferes Carmona em fôco—Boatos tendenciosos

Novas informações nos foram fornecidas sobre os sucessos de Setúbal. O cortejo que acompanhou o soldado falecido tuberculoso, em sinal de protesto contra as mortes violentas dos outros dois camaradas soldados, foi imponente. Todas as classes operárias—calcula-se 6.000 pessoas—de Setúbal tomaram parte no cortejo, e bem assim as sociedades filarmónicas *Capricho e União*, que obsequiosamente se ofereceram para esse efeito.

As forças militares tomaram precauções e à passagem do cortejo, junto à tropa, no largo do Palhaes, o alferes Carmona disse para o soldado acusado de ter assassinado um dos soldados:—Razap, volta-te lá para que o povo te conheça!

E o soldado voltou-se e, ao mesmo tempo que batia no peito, foi dizendo:—Fui eu, fui eu!

Eis aqui a moralidade da caserna. Honram-se os assassinos; trocam-se os sentimentos humanos; em vez de se pregar o amor ao próximo, diz-se que é de dever assassinar, em nome não sabemos de quê, da autoridade, de cousas vagas.

Ontem chegaram a Setúbal vários agentes da segurança do Estado. A fim de fazer prisões e apurar responsabilidades.

Não será difícil apurá-las, os comerciantes gananciosos lá estão ainda. Foram eles os únicos culpados, elevando o preço dos géneros a altura a que o pobre não pode chegar. São eles, sempre eles os culpados da fome do povo e das suas consequências: tumultos, greves, mortes...

Os capitalistas de Setúbal tem feito espalhar vários boatos tendenciosos. Dizem que os assaltos não são originados na fome, visto que apenas uma mercearia foi assaltada. O que os boateiros não dizem é que os fanceiros se distinguiram na ganância, indignando a população. De resto, se os capitalistas jogam que o homem apenas viv. d'coimar, e mal, n's trabalhadores teros a esse respeito uma opinião mais veraz.

**Em Espanha**  
Continuam as greves de Jerez de la Frontera e Rio Tinto.

MADRID, 10.—Continuam as greves em Jerez de la Frontera e Rio Tinto, tendo sido tomadas as precauções necessárias.

Na Coruña agravou-se o conflito social, porém noutras provincias foram solucionadas várias greves.—*Rádio*.

Os operários e empregados municipais de Santander manifestam-se em greve.

SANTANDER, 10.—Continua a greve dos operários e empregados municipais.—*Rádio*.

**Vida cara e difícil**  
Assambradores e mixordeiros—Uma condenação

Respondendo anteontem no governo civil Constantino de Souza, com vancaria na rua dos Sapadores, 145, por vender leite adulterado Gertrudes Ferreira, de Sintra, por vender manteiga por preço superior ao da tabela, sendo ambos absolvidos; Elvira de Assumpção, com letiraria na rua Elias Garcia, por vender leite adulterado, sendo condenada na multa de 1.000 escudos, que pagou.

**Caderneta e ressalva perdida**  
O operário metalúrgico João Gonçalves Pires, que perdeu uma caderneta sindical e uma ressalva do serviço militar, pede a pessoa que encontrou esses documentos, o favor de entregá-los na nossa redacção.

AZEITES DE ALFERRAREDE...

## A C. U. F. EM FOCO

Um julgamento encravado ou o poder do ouro...

Lembram-se os leitores—ajá parece que já foi há muito tempo...—do caso da U. F., daqueles seiscentos e treze mil litros de azeite apreendidos em Alferrarede, daquela substância química aplicada, contra lei, no fabrico do azeite, daquelas análises dum sábio prestidigitador sr. Lepierre que diz que esse produto não altera a acidez? Lembram-se vocês daquele julgamento que ia realizar-se no tribunal de Abrantes e que movimentou com armas e bagagens os sábios, as testemunhas, a U. F. em peso?

Lembram-se vocês de todas essas tratantadas da C. U. F. aqui postas a nu e devidamente causticadas?

Pois bem: já repararam em que tal julgamento ainda não teve lugar, apesar de se tratar de processo sumário com prazos por lei determinados?

Nunca mais nisto se falou! Nada mais se fez! Foi posta pedra sobre o assunto. Não é para admirar. Já o previamos. Já aqui mesmo o disseramos: A U. F., arriscada a ser condenada, pelos seus crimes, a uma multa que podia chegar a quatro mil e tantos contos, gastaria o que fosse necessário para conseguir a absolvição ou o silêncio, o esquecimento.

E' o que estamos verificando. A União Fabril mexeu-se, estendeu os tentáculos, moveu influências, corrompeu. A U. F. poz e diz, como possente. E, assim, como lhe não convinha que o processo fosse julgado breve e como se convenceu de que o juiz substituído—caso raro e digno de nota—não se deixava embalar pelo seu canto de sercia nem seduzir pela fascinação do seu ouro, conseguiu que o ministro

da justiça do transacto ministério para ali mandasse o juiz proprietário, efectivo da comarca. Este, porém, segundo nos consta, em Abrantes não se demorou pretextando não ter habitação ali e o processo dorme esquecido o sono dos justos (...). Interesses da Companhia União Fabril.

Repara nisto, Povo! Vives espoliado, roubado, escarnecido. Falsificam-te os generos, fazem-nos rascar no mercado, tiram o azeite ao teu consumo para o levarem para conservas, para sabões e para lubrificações. E quando os que falsificam e assambram são apanhados nas malhas da lei e os tribunais os chamam a responsabilidade, nessa ocasião, nesse momento, os homens da... justiça e os homens dos governos, os advogados e os sábios, as quadrilhas várias, protegem-nos. E repara também, Povo, que, enquanto tu, enquanto nós todos, consumidores, a esta tremenda e desgraçada farça assistimos impassíveis, inertes, incapazes do menor movimento de repulsa, de castigo e de justiça reparação— a U. F., e todos os potentados congeneres continuaram tripudiando e nós, esgotados de trabalho e roídos pela fome, continuamos sob a sua pata poderosa e a mercê dos seus risos escarninhos.

Lembram-se, vocês, do caso de Alferrarede, de seiscentos e treze mil litros de azeite apreendido, das falsificações desse azeite, dum julgamento a que ia ser submetida a U. F.?... Lembram-se, vocês?...

Parece que foi há muito tempo e foi ainda há semanas. Pois voltamos ao assunto e desenterramo-lo da lama!

## O exército polaco perdido Na Imprensa Nacional

Uma frente do exército polaco derrotada e recuo da frente norte

—NAUEN, 7.—A imprensa alemã reproduz uma notícia fidedigna, procedente da Polónia, segundo a qual, toda a frente polaca, desde Pripiet até aos Carpatos, foi derrotada por completo. Os polacos retiraram também na frente norte. As esferas militares classificam de muito séria a situação da Polónia.

A Polónia ver-se há obrigada a pedir a paz

SPA, 7.—Segundo o correspondente do *New York Herald* em Spa, os polacos ver-se-ão obrigados a fazer propostas de paz aos bolchevistas para salvar o seu exército e a sua capital. E' esta a opinião que Lloyd George deu à Delegação polaca, que foi solicitar a ajuda dos aliados. O primeiro ministro britânico respondeu a Patek que a Grã Bretanha não enviaria a Polónia nem homens nem material. Ainda fez notar ao sr. Patek que a Polónia havia entrado nesta campanha sem contar com a opinião da Grã Bretanha.

A França, por sua parte, apesar do seu desejo de ajudar a Polónia, vê-se na impossibilidade de fazer qualquer coisa. Portanto, é de esperar que o governo polaco faça muito em breve propostas de paz aos bolchevistas.

As tropas vermelhas ocupam Vornó

LONDRES, 7.—O comunicado bolchevista de hoje, diz:

«As nossas tropas perseguindo os exércitos polacos, ocuparam a cidade de Rowno. Caíram em nosso poder 1.000 prisioneiros e um considerável número de armas, entre as quais figuram dois autos blindados, dois carros de assalto, dois canhões de 150, uma estação de telegrafia sem fios e uma serie de vagões com locomotiva.

Na direcção de Peresinoi, as nossas tropas romperam a zona fortificada pelo inimigo e expulsaram-no para longe da linha férrea da estação de Konarowits. Apreendemos oito vagões carregados de arame farpado, um vagão de obuses de origem francesa e grandes quantidades de granadas.»

## Uma deshumanidade!

Somo informados que numa propriedade sita a Santana, aos Terremotos, viviam com suas famílias, numas barracas de madeira, alguns pobres trapiceiros, a quem os seus meios não permitiam residir em qualquer palácio das avenidas novas.

As habitações, que, como se pode imaginar, nenhum conforto possuíam, eram o único recurso que aquelas criaturas tinham para descansar da sua fadiga e miserável vida. Mas assim não o entendeu o proprietário da quinta, que foi denunciado pela dos *Fernandinhos*, que há dias, aproveitando a ausência dos inquilinos, mandou deslocar as barracas. Quando os pobres moradores recolhiam a noite às miseráveis habitações, encontraram-lhe o sítio, vendo-se obrigados a ir residir aonde calhou e numa promiscuidade com que a moral nada lura.

Dizem-nos que o benemérito cidadão proprietário das barracas vai ali construir uns fornos de cal.

No entanto, o seu procedimento representa uma deshumanidade, pois que os pobres moradores das barracas tem tanto direito a viver, embora em moradias tam indecentes, como o seu dono, que naturalmente é algum novo rico e tem residência de luxo.

São lamentáveis e revoltantes estes casos e só os poderio praticar indivíduos sem a menor noção de humanidade.

A greve mantém-se, mostrando o pessoal estar disposto a prosseguir no movimento até satisfação das suas reclamações

O pessoal da Imprensa Nacional conserva-se na mesma atitude como ontem tivemos ocasião de verificar na nossa ida ao seu sindicato, onde momento a momento entram e saem vários camaradas no meio da maior animação, trocando entre si impressões sobre o movimento.

Ao contrário do que diz um jornal da manhã, de que talvez 150 empregados deixaram de se pronunciar, fomos informados de que este número é composto de indivíduos reformados, doentes e licenciados, e que, portanto, todos os empregados em activo serviço tomaram parte na votação da greve dos «bragços caldos».

Aiude o mesmo jornal à moção pela qual se resolveu o prosseguimento da paralização do trabalho, dizendo ter ela sido o rastilho do movimento. Em nossa opinião e na de toda a gente sensata, o rastilho do movimento foram, por certo, não só as necessidades do pessoal, como também as vãs promessas que há seis meses lhe vinham sendo feitas.

A Associação de Classe enviou um officio à Federação do Livro e do Jornal no sentido de recomendar a solidariedade moral dos operários da indústria gráfica para com o pessoal da Imprensa Nacional.

O Comité fez distribuir ontem a seguinte nota officiosa dirigida ao pessoal:

«A atitude por vós tomada até o momento em que fostes intimados a abandonar a Imprensa provou, de forma individual, a consciência de que estais possuídos constituindo uma massa coesa, uma massa que se tornou necessária se torna manter indefectível até final. Só assim o vosso «Comité» se poderá desempenhar do mandato que lhe confiou.

A parte da nota de ontem em que se dizia que o pessoal deveria compreender todos os dias nas officinas está prejudicada, uma vez que as mesmas officinas estão encerradas a ordem do presidente do ministério. Deve, pois, o pessoal aguardar os factos, mantendo, todavia, a mesma serenidade e firmeza e só regressar às officinas quando o vosso «Comité» o determinar.

Tomou o vosso «Comité» conhecimento de que nas officinas dos Serviços Gráficos do Exército se imprimiu uma pagina da 1.ª serie do «Diário do Governo» e um reduziíssimo numero de exemplares. Contava já este «Comité» que tal facto succedesse não levando, portanto, ter essa mesma factio illusão de maior, ainda mesmo que o seu numero de paginas e tiragem aumente, atendendo a que se trata de uma situação anormal e transitoria.

No gabinete da Associação de Classe encontram-se todos os dias, das 8 às 12 horas, todos os membros da Associação e todos os que os informem como também no mesmo gabinete serão afixados «placards» noticiosos.

O vosso «Comité», neste momento de luta, envia a todo o pessoal as suas mais vivas saudações fraternais e exorta-o a manter-se firme e unido tendo bem em mente a responsabilidade que a cada um pertence, pois que só assim se conseguirá ver attendida a nossa justa e bem fundamentada reclamação.

Que se mantenham, pois, a maior serenidade e firmeza!

O Comité

Pelo estado moral da classe por nós ontem observado, podemos afirmar que o pessoal está na disposição de prosseguir no movimento até satisfação das suas reclamações e que mais uma vez tornamos conhecidas:



# AS GREVES

## Cabouqueiros e fabricantes de cal

Reúne esta classe para apreciar um ofício dinamado da Associação Industrial Portuguesa, sendo resolvido continuar com a greve, em vista da resposta dada pelos industriais não satisfazer. A paralisação é geral, tanto nas pedreiras como nos alicados.

Hoje haverá reunião no Sindicato Unico, pelas 14 horas, e na secção do Alto do Pina, pelas 20 horas. Pedem-se todos os camaradas que não falem nestas reuniões.

## Quadradores corticeiros

Tendo reunido os operários quadradores manuais da casa Soutinho Pimenta & Gomes, Limitada, em Belém, para apreciar a sua precária situação, resolveram, por unanimidade, pedir aumento de salário, o que foi comunicado imediatamente aos industriais, respondendo estes que não podiam conceder aumento algum.

Em face desta resposta, os operários deliberaram proclamar a greve na secção dos quadradores manuais.

Os grevistas pedem a todos os operários conscientes do país que não procurem trabalho na referida casa, até que as suas reclamações sejam atendidas.

## Pessoal dos fósforos

Continua sem solução a greve do pessoal da Companhia Portuguesa dos Fósforos. Os governantes ainda não deram um passo para solucionar uma questão que traz pendente a sorte de seis mil pessoas. Está, segundo dizem os grevistas, sujeito este caso às resoluções dos governos e os governos nada fazem, entretidos como andam, em subir e descer as escadas do poder.

Os operários não podem deixar de ser aumentados, de contrário estão condenados a morrer de fome. Também não é a profissão de manipulador de fósforos susceptível de se exercer noutra parte que não seja na Companhia Portuguesa devido ao monopólio de que esta goza. A justiça das suas reclamações é indiscutível. Urge, portanto, atendê-las, urge sair desta vergonhosa apatia governamental.

Por outro lado o público tem toda a conveniência em que as reclamações do pessoal sejam atendidas a fim de que este possa voltar ao trabalho e abastecer o mercado de fósforos, cuja falta é já extremamente sensível.

Mas os governos que dizem tudo ver, saber e prever, nada querem ver, saber ou prever nesta questão. Preferem que o pessoal morra à míngua de tudo e que o público ande eternamente às escurras.

Que interesse tem as entidades superiores em protelar esta questão? Não sabemos, nem queremos saber. O que conhecemos bem são as necessidades do pessoal e do público. Essas estão acima de tudo, acima mesmo dos mesquinhos interesses do Estado.

## NO PORTO

Os fabricantes de calçado declararam-se em greve—A polícia assalta a associação e prende muitos grevistas

PORTO, 9.-C.—Tinha comunicado que a greve dos sapateiros se declararia entre esta e a semana próxima; porém, o facto realizou-se mais cedo do que se supunha, pois, declarada anteontem reunião magna, ela principiou ontem em quase todas as fábricas e oficinas. Este acontecimento operário determinou ordens rigorosas na polícia, para que a sua acção justifique se fizesse sentir no tocante à manutenção da liberdade de trabalho, frestando severamente os alicados e os alicados a greve reclamando a solidariedade dos seus camaradas, posto que a melhoria a conquistar é extensiva a todos os membros da classe. Que a polícia não se desmazole no cumprimento do seu dever de catrificar, dizem-nos sobre a mente os factos.

Como quer que os grevistas se dirigissem a alguns pontos—poucos, por sinal—a participar as deliberações tomadas na assembleia magna, incitando os seus colegas a que dessem a sua adesão ao movimento económico iniciado, os guardas civis, apafados e pressuorados, fizeram-se intervir agredidamente, fundamentando o seu procedimento pacificador nas coacções exercidas pelos grevistas, nas supostas ameaças e nos pretendidos ataques dirigidos a uma fábrica que, na rua do Almada, estava funcionando com alguns amarelos. É provável que os reclamantes, indignados pela traição de meia dúzia de seus colegas—e a traição é sempre abominável—e os admoestres sentidamente, exprobando-lhes a acção.

Mas a presença da polícia, que fez logo das suas, azeidou, sempre e sensivelmente, os actos, estabelecendo confusão para prender quem pudesse. E com tanta sorte, que ainda conseguiu capturar os grevistas: Alfredo Maia Dias, António José Ferreira Braga, Felisberto Henriques Pinto, Camilo Pereira Fernandes, Boaventura de Oliveira, Joaquim Coutinho de Matos, Manuel da Silva Veiga, Eduardo Antero Ferreira Pinho, José dos Santos, Augusto Costa e Irineu Ramos. Todos estes foram presos na rua Porta do Sol, sob o pretexto de que, invadindo a uma ilha para obrigar alguns seus camaradas a aderirem à greve, talvez também fossem os mesmos que se dirigiram à fábrica da rua do Almada acima aludida, onde os guardas não chegaram a tempo de os deter.

As autoridades, porém, não ficaram satisfeitas; e assim, perto da meia noite, quando a comissão administrativa da Associação dos Manufactores de Calçado, com sede no mesmo edifício da União dos Sindicatos Operários, se encontrava reunida no cumprimento do seu mandato, a mesma polícia, fortemente coadjuvada pela guarda republicana, que cercou o edifício, invadiu a Associação, prendendo e maltratando todos os presentes, sem que para isso outros motivos houvesse além de que a classe dos manufactores de calçado se encontra em luta aberta com os industriais. Assim, arbitrariamente, violentamente, contra o estatuto da lei básica da República democrática que ora suportamos, foram presos mais os seguintes, alguns dos quais conhecidos camara-

das: Serafim dos Anjos, Amílcar Pereira Dias, José Rodrigues Neto, Francisco Passos Ferreira, Júlio de Campos, Felisberto Baptista, José da Silva, Manuel Monteiro, Domingos Francisco Dias, José António da Costa, António Pereira Marinho e Józias da Silva. Logo, que marcharam, entre uma escola de polícia e cavalaria da guarda, em direcção ao Aljube! Na onda de prisioneiros, foi Joaquim da Silva, secretário da União dos Sindicatos Operários. Não foi mais gente presa porque, não se tratando duma reunião magna, só se encontravam aquelas vítimas. O curioso do caso é que, precisamente, na véspera, dois anos que as tropas sidonistas, mais os trauliteiros, os inquisidores do Eden, assaltaram também a União dos Sindicatos, numa ocasião em que a classe dos manufactores se encontrava reunida cuidando dos seus interesses corporativos—ranchando cabecas, derreando braços e prendendo quasi todos os assistentes! Pelo que se vê que sidonistas, monárquicos e democráticos se equivalem nas violências contra o operariado!

É preciso frisar que os últimos detalhes igualmente são acusados de fazerem parte no ataque à fábrica do sr. Manuel António da Costa, da referida rua do Almada, e de se aliamos à greve...

Uma comissão de operários percorreu a imprensa, lavrando o seu mais veemente protesto contra os excessos das autoridades.

Apesar de tudo, a greve é, por assim dizer, completa, estando os grevistas dispostos a resistirem até ao fim.

## EM GUIMARÃES

Greve dos operários cutileiros de Miradouro—Reúne a U. S. O. sendo votada a greve geral

GUIMARÃES, 9.-C.—Não tendo sido atendida nas suas reclamações de aumento de salário, a classe dos operários cutileiros de Miradouro, resolveu declarar-se em greve.

Como até hoje não tenha sido dada uma solução satisfatória ao conflito travado entre os industriais da fábrica têxtil da Avenida e o seu pessoal em greve, reinam, a convite da U. S. O., todas as classes operárias organizadas, para prestar todo o auxílio aqueles camaradas em luta com o patronato.

Apreciado devidamente o assunto, foi apresentada uma proposta para a declaração da greve geral de solidariedade de para com aquelas vítimas da exploração burguesa, sendo votado o seu início para segunda-feira, 12.

## EM OLHÃO

Mantém-se a greve dos varredores

OLHÃO, 9.-C.—Continuam em greve os varredores da Câmara, reclamando aumento de salário, conforme dissemos na nossa última informação.

Até à data ainda não se notou o menor desalecimento entre os grevistas, que, como já fizemos ressaltar, não tem associação de classe nem quem os oriente.

Aderiram também ao movimento os carroceiros que apanham o lixo, sendo agora o movimento geral.

As ruas encontram-se atulhadas de imundície, mas a Câmara Municipal não se incomoda com essas insignificâncias. Para ela o que lhe importa é continuar a explorar, pelo irrisório salário de 1500 diários, aqueles que toda a vida tem produzido para essa súplica de parasitas que pululam na sociedade, fartos e contentes, enquanto as suas vítimas só têm fome e tristeza.

Mas isto assim não pode nem deve continuar. O povo desta localidade não pode estar à mercê de meia dúzia de despotas, que para se encherem mais à vontade, se recusam a aumentar uns magros cobres a esses desgraçados, que, no último quartel da vida, se vêem obrigados a arruinar a sua já débil saúde.

Urge que a Câmara municipal satisfaça o justo pedido desses operários, porque além de constituir uma infâmia não atendê-los, não se pode continuar a viver no meio de tanta porcaria, de que estão cheias as ruas.

## Na estação do Rossio

Procurar o sr. António Magal, Res. Rossio, 74, contatando-nos que tendo comprado um bilhete de 2.ª classe para o trem que lhe levariam 54 centavos, quando procurava entrar na gare para se despedir duma pessoa amiga, que paria a bordo, foi detido e preso, não lhe permitindo a entrada, tratando-o com grosseirias.

Se o caso se passou, como nos contaram, é lamentável o procedimento dos referidos empregados.

## JUVENILIDADES SINDICALISTAS

União das Juventudes Sindicalistas.—Reúne hoje, extraordinariamente, pelas 21 horas, o Conselho Central.

Núcleo da Indústria de Calçado, Curores e Peles.—Em reunião das comissões administrativa e de propaganda, resolveu-se participar a todos os componentes da indústria, que foram distribuídas as cotas de auxílio ao núcleo e aos presos da indústria. Protestam contra a infame condenação dos camaradas Joaquim Gonçalves, Américo Viçar e Maria, e para a liberdade, apelando para a consciência de todos para que materialmente os auxiliem.

Amanhã, pelas 20.30, realiza-se a assembleia geral para nomear delegados ao Congresso Juvenil e apreciar uma circular da U. S. P. Foi apreciada a pouca assiduidade de alguns membros da comissão administrativa, o que é para lamentar.

Núcleo da Construção Civil do Porto.—Convém-se a classe trabalhadora em geral, e a juventude sindicalista em especial, a comparecer amanhã, pelas 10 horas, na rua do Almada, 35, 2.ª (antiga associação dos Pintores) a fim de assistir à sessão inaugural do Núcleo da Juventude Sindicalista da Construção Civil do Porto.

Núcleo da Indústria Metalúrgica do Porto.—Convém-se todos os jovens sindicalistas pertencentes à indústria metalúrgica, a reunir hoje, pelas 21 horas, na rua de Entreprezados, 35, 1.ª, a fim de lhes ser participada a fundação deste núcleo. Espera-se, pois, que ninguém falte.

## Duas prisões

Ontem no Barreiro, pelo simples facto de estarem a ler a *Batalha Vermelha*, publicação que circula segundo a liberdade de imprensa, os camaradas Alvaro Rosa, delegado da associação da Construção Civil do Barreiro e Emídio da Silva, ferroviário foram presos. Mais uma arbitrariedade das inteligentes autoridades.

## Por Viana-do-Castelo

Núcleo das Artes Gráficas—Vida cara e aumentos de salário—Considerações que se nos oferecem

O Núcleo das Artes Gráficas de Viana-do-Castelo, que há pouco se reconstituiu, tendo já dado a sua adesão à Federação do Livro e do Jornal, é a frente de qual se encontram camaradas inteligentes e cheios de boa-vontade, levou à prática um movimento pró-aumento de salário colhendo um resultado muito apreciável.

Numa terra sem recursos onde tudo falta, atingindo o custo da vida um preço fenomenal, e medrando a sombra da miséria do povo um bem razoável número de negociantes que podem enfiar na bicha dos novos-ricos, pois se tem governado muito rasovavelmente,—os salários quasi se mantinham por assim dizer, estacionários. Algumas classes se tem movimentado no sentido de reclamar aumento na sua jornada, mas apesar de algumas vitórias contarem, há ainda uma grande desproporção no orçamento caseiro.

Como ninguém pensa em baratear a vida; como os governantes se sucedem sem que a este primordial problema liquem a mínima importância; como além de tudo isto a ganância impera ali desenfreadamente por parte de quem vende os géneros essenciais à existência; como a fome entra em todos os lares dos trabalhadores, estes, necessariamente, como em toda a parte, reclamam aumento de salário como único meio, momentaneamente, de poder equilibrar a sua vida.

E a propósito vem a talhe de foice dizer-se que há dias, em virtude das classes da construção civil terem pedido aos respectivos industriais novo aumento de salário, reuniram na Associação Comercial, proprietários, industriais, comerciantes, etc., etc., todas as forças improdutivas da terra, que resolveram não atender a petição, fazendo-o só como entendessem e quizessem, aprovando nesse sentido uma moção em que todos se comprometiam a cumprir o estatuto, quer dizer impedir por todas as formas que os trabalhadores tenham direito a mais um pouco de pão, conquanto eles possam ter a liberdade de extorquir a quem trabalha os misérrimos centavos produto do seu labor. Para dar mais realce a essa reunião, presidiu um militar graduado e nela tomaram parte um certo número de criaturas a quem a miséria não incomoda.

Não consta, porém, que nessa assembleia se tratasse de estudar o problema da carestia da vida, nem mesmo que alguns dos assistentes, que possuem bons celeiros, resolvessem vender o milho mais barato, pois o negam ou o põem no mercado a 6000, e os negociantes se comprometem a ter lucros mínimos. Disso não trataram, porque a reunião era só para esmagar as pretensões justas e razoáveis da classe trabalhadora.

E como a vida se torna cada vez mais impossível, os operários de Viana-do-Castelo tem reclamado, e assim, a classe gráfica, que era a mais mal paga, resolveu também, por intermédio de seu núcleo, oficial aos industriais pedindo aumento de salário. Depois de várias demarches, os gráficos foram atendidos em 50 0/0 nas tipografias da *Voz Republicana* e *Aurora do Lima*; na oficina de encadernação e tipografia de José de Sousa essa percentagem foi muito superior; e, provisoriamente, nas oficinas da *União*, *Correio do Minho* e *Eduardo Rodrigues*, foi aceite o aumento de 20 diários pelo respectivo pessoal.

Na tipografia de *A Plebe*, como o proprietário se negasse a atender à reclamação, foi declarada a greve, que durou duas semanas, vindo-se ao fim desse tempo o citado proprietário já contingência de dar o aumento reclamado, tendo, porém, entrado para a oficina apenas um gráfico, porque os restantes já tinham conseguido trabalho noutras casas. Convém frisar que o pessoal da *Plebe*, durante a greve, recebeu sempre o seu salário integral, porque os gráficos das outras oficinas, num admirável espírito de solidariedade, contribuíam com um dia de salário semanalmente.

Consola-nos registar estes factos que bem demonstram a consciência sindical dos gráficos vianenses, animando-os da que não abandonem o Núcleo das Artes Gráficas, que com tanto amor constituíram, prosseguindo sempre nos estudos da luta económico-social.

Pena é que havendo ali outras classes mais numerosas, elas se tenham entregue a um indiferentismo criminoso, abandonando os seus sindicatos, quando poderiam formar um baluarte inexpugnável, porque para isso tem condições e elementos de valor.

Cremos, porém, que essa letargia desaparecerá, com um pouco de vontade e energia, e amanhã a organização operária em Viana-do-Castelo será aquilo que deve ser dentro do movimento sindical português.

Assim o queiram.

## No hospital do Rêgo

O que vamos relatar, sucedido com a morte do nosso camarada Luitprando Carlos Bonifácio, operário correio do Arsenal do Exército, que estava internado no pavilhão n.º 9 do hospital do Rêgo, dá-nos todo o direito a pensarmos que a vida dos doentes naquele hospital, não merece os cuidados devidos, sendo mesmo tida em muito pouca conta.

Conta-nos um amigo e camarada, que tendo aquele operário falecido no dia 7 p. p. pelas 17 horas, o seu funeral só se pôde realizar na tarde do dia 9, porque só pelas 13 horas desse dia se dignou comparecer ao hospital, o médico que devia assinar a respectiva papelota, formalidade imprescindível para a realização do funeral.

Os camaradas do Arsenal do Exército, que muito se interessaram pelo falecido, desejando prestar-lhe uma verdadeira homenagem, empregaram todos os esforços para que o médico cumprisse o seu dever, tendo-o um seu representante procurado por três vezes em sua casa, não conseguindo, porém encontrar-lo.

É realmente condenável que se proceda com tanta negligência, dando direito, de afirmarmos a ter as maiores apreensões sobre a forma como os doentes são tratados.

## TRINDADE S. T. L. da

Companhia Taveira  
HOJE: Uma revista... revista!  
Chá e Torradas  
Com graça  
Com espírito  
Com bom gosto  
Com artistas  
de nomeada  
e, sobretudo,  
sem ditos obscenos  
Um sucesso legítimo

## Vida Sindical

### COMUNICAÇÕES

Operários municipais.—Reuniram ontem em assembleia magna, expondo a Comissão de melhoramentos dos operários municipais, o resultado das demarchas realizadas junto da vereação para tratar da sua situação económica, sendo proposto e aprovado por unanimidade que não se transigisse sequer um ponto nas reclamações formuladas, e em face da atitude da Câmara ficou estabelecido efectuar uma assembleia para esse fim convocada, onde se resolvesse o caminho a seguir. Foi aprovado um voto de confiança à Comissão.

Pede-se a comparencia do delegado dos calceteiros, amanhã, pelas 21 horas, nos Paços do Concelho.

### CONVOCAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal.—A fim de apreciar um ofício emanado da Associação de Classe do Pessoal da Imprensa Nacional e outro do pessoal gráfico da Casa da Moeda referentes aos movimentos em transito naqueles estabelecimentos gráficos, é convocado reunir, extraordinariamente, hoje, o Conselho Central deste organismo, às 21 horas em ponto.

Manufactores de Calçado.—São convocados a reunir hoje, pelas 21 horas, todos os delegados de oficinas, nomeados quando do movimento último. Igualmente são convocados a reunir os membros da Comissão de melhoramentos pela mesma hora, para se tratar um assunto da máxima urgência e interesse para a classe.

### A BORDO DO «PENINSULAR»

Como é tratado o pessoal de fogo

Por comunicação do Havre, onde se encontra o vapor *Peninsular*, da Companhia Nacional de Navegação, sabemos que a bordo daquele barco se tem passado casos que revoltam, e de que tem sido vítima o pessoal de fogo, para os quais pedimos a atenção de quem superintende nestes serviços.

Aos azeitadores, desde o dia 30 de Maio que lhes foi retirada a sobremesa. Na Tirada Grande, como fizesse, «Alma três dias, foi pedido ao imediato uma pinga de aguardente para destemperar a água, porque o navio não tem frigorífico. O imediato transmitiu esse pedido ao dispensário, que respondera ter aguardeado, mas que era para pretos, sendo assim os tripulantes obrigados a beber água quente.

E também costume, e até autorizado, o fornecimento de batatas para as suas refeições, mas como sucedesse, talvez cinco horas depois da saída das Canárias, faltarem duma caçoiera duas galinhas, que não se sabe se desapareceram enquanto o navio esteve fundeado, foi o pessoal de fogo acusado do furto das aves, chegando o dispensário a chamar-lhe os nomes mais indecorosos. Pelo meio da tarde desse dia já o comandante e o dispensário se tinham entendido para o castigar, tirando-lhe as batatas e proibindo que na cozinha lhe fosse dada qualquer coisa. Tendo pedido um pouco de sal para temperar o caldo, o cozinheiro negou-se a tal, dizendo proceder assim porque para isso tinha recebido ordens do dispensário.

Quando os almoços constam de bacalhau cozido ou peixe fresco, dão para cinco camaradas dois decilitros de azeite, negando-se a dar cebolas, e por este andar natural é que em breve não tenham direito a comer, parecendo pretenderem forçar aqueles homens à fome.

Para obstar à continuação destes casos, que podem originar qualquer conflito, pois os tripulantes não podem resistir 16 horas, com 8 de serviço, como sucede no 1.º e 3.º quartos, foram dois fogueiros contra o que se vinha passando ao 1.º engenheiro, que os recebeu amavelmente. Este procurou o comandante para o demover da sua atitude, o que não conseguiu, apesar de lhe fazer sentir que a continuação tal vangança o pessoal adoeceria, tanto mais que o médico de bordo por algumas vezes mandara lançar ao mar comida em péssimo estado de se ingerir.

No dia seguinte, a tarde, e ainda a instâncias do 1.º engenheiro e de outras pessoas, sempre foi resolvido entregar as batatas aqueles homens, alegando o dispensário que se o azeite e dava a comida melhorada aos fazedores é porque queria e não porque fosse obrigada. O dispensário, não podendo reírer a sua vangança, devido à resistência do 1.º engenheiro e à solidariedade do pessoal de fogo, tentou agredir um chegado na cozinha, quando este se dirigia ao paiol a buscar as batatas, negando-se também a entregar a roupa lavada ao paiolero.

Em virtude de todos estes factos que apontamos, aqueles camaradas participaram o caso à respectiva associação de classe, que certamente não deixará de tratar devidamente do assunto.

E' revoltante, sem dúvida, o que a bordo do *Peninsular* se vem passando, esperando nós que justiça seja feita a aqueles camaradas para não se repetirem idênticos casos.

## Uma junta de paróquia á altura

José Rodrigues Brás, rua do Passadizo, 71, loja, pede-nos que lavremos o seu protesto contra a Junta de paróquia do Camões, pois que tendo ido sua mulher à sede da junta, para que lhe dessem as senhas para acucar, um figurão que dela faz parte tratou indecamente a sua mulher, exigindo-lhe \$17 centavos pelas senhas, que noutras freguesias são dadas gratuitamente.

Tendo ele procurado o regedor, este recebeu-o também com sete pedras na mão, estranhando o protestante que assim se tratem os cidadãos, que não deem motivo a tal.

Trabalhadores. Lede e propaguei A BATALHA.

## Últimas notícias

### A guerra vermelha

O que Lloyd George exige da Rússia

LONDRES, 11.—Em consequência das conversações do primeiro ministro inglês com Krassine sobre o restabelecimento das relações económicas com os soviets estes aceitam as condições do gabinete britânico. Essas condições são as seguintes: evacuação da Pérsia, abstenção da propaganda bolchevista na Ásia Central e reconhecimento das dividas comerciais. O primeiro ministro inglês promete o acordo à conclusão de um armistício imediato com a Polónia. Os aliados não entrarão em negociações a menos que os soviets não reconheçam todas as dividas do antigo império russo.—*Rádio*.

### A América vai restabelecer as relações comerciais

WASHINGTON, 11.—O departamento dos Negócios Estrangeiros levantou as restrições impostas às relações comerciais entre os Estados Unidos e o governo dos Soviets. No entanto esta medida não afecta o material naval e não implica o reconhecimento do governo dos Soviets presente ou futuro. Além disto fica entendido que as corporações que negociem com os Soviets fora dos limites estabelecidos pelo Governo fazê-lo não por sua conta e risco.—*Rádio*.

### Os bolchevistas querem fazer propaganda entre os negros americanos

LONDRES, 11.—Um telegrama recebido em New-York pelo «Daily Express» diz que as autoridades americanas descobriam, recentemente, uma conspiração organizada em Moscovo cujo fim é fazer uma intensa propaganda das doutrinas bolchevistas nas populações negras da América.—*Rádio*.

### Em Espanha

Foram encerrados os estaleiros de Ferrol

FERROL, 11.—Foram encerrados os estaleiros em virtude da greve declarada pelo respectivo pessoal.—*Rádio*.

Está afastado o perigo da greve dos operários munitais

BARCELONA, 11.—Está afastado o perigo duma greve de empregados e operários municipais. Continuam as greves nos bairros de Santo André. Foi lançada uma bomba contra a fábrica de pastas causando importantes destruições.—*Rádin*.

Os mineiros de Rio Tinto continuam em greve

RIO TINTO, 11.—Continua a greve geral dos operários mineiros, tendo partido um delegado a fim de conferenciar com o Instituto das Reformas Sociais e procurar uma solução para o conflito.—*Rádio*.

### MOVIMENTO MARÍTIMO

Entradas em 10

Vapor português, «Portugal», da Baía dos Tigres; patacho português, «Gonçalo Zarco», de Lissabon; vapor inglês «Darrow», de Liverpool; destróyer americano, «Tattler», «Duppont», de Gibraltar; vapor holandês, «Triton», de Salónica.

Saídas

Vapor holandês «Triton», para Dantzig; vapor inglês «Darrow», para Buenos Ayres.

### OS QUE MORREM

#### FUNERAIS

Faleceu a menina Deolinda Machado, estremosa filha do nosso camarada Manuel Machado, operário serralleiro do Arsenal da Marinha, e de Maria Joaquina, sobrinha de Vendinha da Silva, compositor dos Caminhos de Ferro do Estado. O seu funeral realiza-se hoje, pelas 16 horas, saindo da rua Almeida Brandão, n.º 3, para o cemitério dos Prazeres.

### TEATROS & CINEMAS

#### Reclames

Vai de novo fazer brilhante carreira, mas desta vez no Nacional, a encantadora comédia «Sonho duma noite d'agosto». Até agora conta tantas recitas como enchanças.

—Os números novos da revista «Com unhas e dentes» continuam despendendo geral agrado. A revista «Com unhas e dentes», interpretando-os, são, todas as noites, alucinadíssimos.

—Ninguém tem que hesitar! *Chá e Torradas*, a revista da Trindade continua batendo o record com tanto avanço que é inútil já discutir o assunto. Repetindo-se hoje o sinal de que o elegante não ficará com o lugar vazio.

—Vão realizar-se já no Eden, as últimas representações da revista «Negócio da China», antes da remodelação por que vai passar quinta-feira, na festa de Nascimento Fernandes, que para ela conseguiu reunir excepcionais e sensacionalíssimos atractivos.

#### CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21—«Sonho de uma noite de Agosto», comédia.  
GIMNASIO—A's 21—«Época de verão», comédia.  
TRINDADE—A's 21,15—«Chá e Torradas», revista.

POLITEAMA—A's 21—«A Agulha Ocra», comédia.  
AVENIDA—A's 21,30—«Com unhas e dentes», revista.  
EDEN—A's 21,15—«Negócio da China», revista.

GIL VICENTE—Aos domingos, segundas e quintas-feiras, o drama «O Voluntário de Cuba».

ANJOS—A's 21—«A grande bicha».  
SALAO FOZ—A's 21—Variedades.  
OLIMPIA—Animatógrafo e concerto.  
CINEMA CONDES—Animatógrafo e concerto.

CHIADO TERRASSE—Animatógrafo e concerto.  
SALAO CENTRAL—Animatógrafo e concerto.  
SALÃO DA TRINDADE—Variedades e animatógrafo.  
SALAO D. PROMOTORA, (Alcantara).—Animatógrafo às segundas, quintas, sábados e domingos.  
SALAO PORTUGAL—A's 21 horas—animatógrafo.  
CHATELIER—Animatógrafo, filmes e falado.

CINE-PAER (o Campo de Ourique)—A's terças, quintas, sábados e domingos.  
SALAO IDEAL—A's 21,30—Animatógrafo.

## A BATALHA

NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

### GUIMARÃES, 9

A moralidade dum operário

Não me foi possível relatar ontem, o que se passou na reunião em que tomou parte o camarada Jaime das Neves, dando hoje uma simples nota, pois casos desta ordem são sempre lamentáveis, mostrando a falta de consciência de quem os pratica.

Tendo feito o camarada Jaime das Neves algumas considerações sobre a classe têxtil de Pevidem, o operário Rafael da Rocha Guimarães pediu a palavra, e com frases estúpidas e incoerentes começou a insultar os oradores que o antecederam, pretendendo que, quando foi dessa greve, foi ele quem salvou o movimento, mas demonstrando simplesmente que estava bastante transtornado, o que revoltou toda a assembleia.

Voltoando Jaime das Neves a falar, apilhou-lhe um justo correctivo, não se atrevendo a continuar nas suas parvas e insensatas. Os grevistas estavam seriamente indignados, valendo ao insultador a serenidade de alguns camaradas.—C.

### OLHÃO, 9.

Uma vingança mesquinha—Reunião na U. S. O.

Dum dos céreos do lam célebre dr. Fuzeta, foram há dias despedidos muitos marítimos, a maioria deles chefes de família, devido à má informação dada ao empresário pelo chefe do referido céreco, mas não dizendo que se tinha emborachado com alguns da sua laia, em Quarteira, onde pediram e naturalmente beberam, e como o álcool algum efeito devia produzir, resultou levados a insultar a companhia do mesmo céreco.

E se os borrachos foram dando informações falsas ao empresário, este não foi melhor procedendo sem averiguar a veracidade dos factos, mas para satisfazer o seu ódio mesquinho contra a classe marítima, atirou para a miséria um grande número de trabalhadores.

Entendem os armadores que não de perseguir eternamente a classe marítima, mas enganem-se. Isto não pode ser nem deve ficar assim. Tenham, cautela, senhores, para zombar bastal!

Julgam-se em terreno conquistado, mas aí deles no dia do ajuste de contas, que devem compreender que já não vem longe.